

RÉQUIEM DE CARNAVAL

JV ARAÚJO



Rio de Janeiro, 2024

SUMÁRIO

AMOSTRA

Afogadinha	9
Utopia Urbana	15
Matadouro de Almas	23
Réquiem de Carnaval	33
O que não se Apaga	39
Fundo do Baú	47
Joga no Google	53
Quando Purgatório é Inferno	61
Cosme e Damião	67
Possessão	83
Scolopendra Gigantea	89
Muros da Memória	97
Mau-olhado	113
A Grande Final	121
Dois Mortos no Chão da Locadora	135
A Natureza das Coisas	167

AMOSTRA

AFOGADINHA

Através dos anéis alvos, o verme fiska o meu desejo de enroscá-lo na língua. Na sincronia do meu olho esquerdo, o corpo liso se afasta e desaparece num buraco da goiabeira. Tudo bem. Sei onde encontrar um cacho fervilhante, cada um mais inchado que o outro. Verdadeiros dedos de criança gorda. À noite brilham, os rechonchudos. Ao sol, rebentam, por isso se escondem de dia. Quando a fome vier, vou me refestelar.

Por enquanto, a minha atenção recai sobre aquele carcere ali embaixo. Dois metros só de pernas. Justo quando planejo me servir de água fria, seu bater de palmas no portão atrai para a varanda essa mulher nos seus 30 anos, abusando do avental manchado de óleo.

Eu poderia não me fazer de rogado e deslizar para a borda da piscina de plástico. A mulher não oferece empicilho. A sua companhia no Pogobol colorido, sim. Tentaria me pegar ou, como a maioria da sua idade, jogaria pedras em mim. Odeio as de 8 anos.

O homem engole a criança, como há pouco eu olhava o verme. A mãe é tonta. O portão da varanda se arreganha. Rua vazia. Devem ser novas aqui. Só pode.

— Não sou vendedor, não, senhora.

— Como posso ajudar o senhor, então? É Bíblia?

— Bíblia? Não, senhora. Não mesmo. É que uns quarenta anos atrás, morei nesta rua. Década de cinquenta, quando o meu pai se mudou aqui pro Rio. Eu era menino. Tempo de suspensórios. Passo de visita. Um copo d'água, só o que peço, pelo amor de Cristo, nosso Senhor.

Cristo é senha. A mulher entra. A criança fica. O homem sorri.

Ele se abaixa. Fica da altura da menina. Faz sinal com o dedo de graveto. Ela, toda coragem, pula em sua direção. Afinal, o homem morou aqui na rua e falou em Cristo, deve pensar.

Não perde tempo esse careca.

— Sabe, quando um adulto escuta a minha história, ri e não acredita. Se você falar para a sua mãe, ela vai te internar num hospício. Lugar de gente doida. É o seguinte: tem um espírito de criança preso nessa casa.

A menina é puro horror. Paralisia total da face e das dobras do corpo. O careca não se apieda.

— É a minha irmã. Em 52, afoguei ela na caixa-d'água, a nossa piscina improvisada. Sim, eu morei na sua casa, minha querida. Você nunca viu nada à noite? Se não viu, ainda verá. No corredor. Espere só. É batata.

A menina mexe a boca, mas não emite som algum. Urina escorre pela perna gordinha. O careca fica em pé novamente e se regozija torcendo o tronco para trás. Os-

sos estalam. A postura melhora bastante. As pupilas brilham diferente.

A mulher volta com uma garrafa de vidro suada e um copo de geleia. Com o corpinho rígido feito osso velho, a menina apela com os olhos. Uma mãe de fato abobada. Bem, pelo menos não deixou a filha trazer o vidro.

O homem bebe, agradece e, piscando para a criança, solta:

— Dia bom para dar um tibum.

A mulher sorri e se despede. A menina some na saia da mãe. O careca se alonga calçada abaixo.

Não é a primeira vez que o flagro agindo pelas ruas desse bairro. Tal qual câmara sensacionalista, vive esfomeado por olhares de medo. Sem poupar criatividade, matou irmãos, irmãs e primos. E sabe dissimular tanto quanto político do baixo clero. Talvez nunca o peguem. Torço para não.

Esqueço a sede. Minhas asas pretas se estendem com preguiça. Observo telhas, calhas, terrenos baldios, campinhos e fios. Quando o sol baixar, aqueles vermes deixarão de cintilar à luz da lua, e os olhos castanho-claros de uma menina desenharão pegadas molhadas num corredor.

AMOSTRA

UTOPIA URBANA

Por ordem do primeiro choro: Janete, Janaina, Janice. Três irmãs num quarto, cozinha e banheiro. Inquilinas fielmente pontuais. Na boca dos vizinhos, três solteironas, sem pais, outros irmãos, primos, enfim, sem demais parentes para tornar a víspera das tardes de domingo menos aborrecida.

Janice, bastante namoradeira, chegou a noivar. Labutou a vida toda na produção de garrafas térmicas de uma grande fábrica. Por sorte, ou azar, não demorou a descobrir que o noivo era bem mais namoradeiro. Janaina flertou pouco, dedicou-se aos estudos. Conseguiu se formar professora e se aposentou cedo, com duas matrículas. Participou ativamente do sindicato. Casou-se com um pão-duro crônico, de quem enviuvou ainda em lua de mel. Acidente estranho, como toda morte em escorregão no seco. Janete não ligava para namoros nem para trabalho. Preferia largar-se em casa assistindo ao *Clube do Bolinha* e ouvindo a rádio Tupi. Em constante convalescência, piorara bastante nos últimos meses. Sofria da mais impronunciável das doenças.

Carne e unha e cutícula, as três selaram um daqueles silenciosos pactos familiares de envelhecer em meio à dúzia de louças herdadas do casamento dos pais. Conta-

riam as rugas dividindo aquela meia-água de uma vila. No portão, entre um e outro disse me disse, juravam que apenas deixariam o bairro da Abolição para residir em Inhaúma, no jazigo da família.

Na manhã de um dia de feira, o carteiro trouxe algo além dos boletos. Janaina abriu o telegrama, uma de suas funções na casa. Virou-se para as irmãs:

— Vocês conhecem alguma Almerinda?

Lábios para baixo em meia-lua, olhos como bolas de sinuca, cabeças em sincronia.

Em meio a negativas ansiosas, Janice mudou o semblante:

— Sei quem é, sim — gritou.

O duo: — Desembucha, mulher.

Janice: — É amiga do Clodoaldo.

O duo: — Quem?

Janice: — Nosso tio-avô.

O duo: — Aquele de Copacabana?

Janice: — Isso, o que usava peruca.

O duo: — E não era viado, não?

Janice: — Papai chamava ele de gilete. Coisa de intelectual.

O duo: — Ah!

Janaina: — É para irmos amanhã para Copacabana.

Quase não dormiram. Em verdade, uma sonhou mirando o forro descascado do teto.

Sol na janela, à mesa, café, pão, margarina e pernas agitadas. Caladas, estranhamente.

Na avenida Suburbana, o sacolejo de um dedo parou o fusca amarelo e azul. Vieram as curvas em meio aos ônibus lançando fumaça preta, veio a boca do túnel, veio o cu do túnel (ou a boca). Já sem o sabor do café para ser raspado no palato, o táxi as deixou na rua Duvivier. Veio a conferência da tabela de preços da corrida, e uma irmã, de forma inusual, fez questão de pagar tudo, deixando as outras contentes e estupefatas. Era dia de bandeira dois.

Logo de primeira, o portão seduziu a irmã generosa. Após a chiadeira do interfone, o mecanismo deu um tiro. “Abriu?” Preto e dourado, grande e de ferro, empurrar o colosso pareceu tarefa enfrentada por guerreiras, tal a imponência do que, junto ao mármore, compunha o *art déco*.

Depois, a sedução surgiu no traje vincado do porteiro. Usava até quepe. Voz acarpetada.

— Bom dia. Estão à espera das senhoras.

A informação de inexistir 901, 902 etc. foi o final de um solo de bateria iniciado lá na calçada.

— É no nono andar.

A irmã seduzida ouviu:

— Um por andar! Apenas um. Unzinho. Único. Exclusivo.

Deram em um *hall*, recebidas por uma empregada em uniforme impecável, senhorinha de simpatia acanhada. Depois do umbral, uma sala passível de uma partida de futebol de salão. Pelada. Sem móveis, sem nada.

— O doutor já vem ter com as senhoras, dá licença — disse a senhorinha sendo engolida de costas por um corredor escuro.

Inventariou-se na mente. Piso banguela e tacos maltratados, paredes sujas e com vestígios de muitos quadros, cheiro de mofo e gordura, janelas de madeira com a pintura descascando, bocais sem função, alguns fios aparentes. Lá fora, a coisa mais rica para as vistas dependia de um girar de cabeça à direita. A avenida, o calçadão, a areia, os azuis.

O advogado flagrou as três mirando, em suspiros, a precisão do horizonte.

— Vista para o mar, mas é preciso arriscar um torcicolo — disse o homem de terno.

Risadinhas ecoaram. Depois de uma breve apresentação, o doutor as colocou a par do negócio. Dona Alme-rinda suportava lá dentro. Morreria em breve. Talvez estivesse mesmo em seu último suspiro naquele exato segundo. No testamento do marido havia menção às sobrinhas-netas. Quatro olhos de peixe-telescópio quase rolaram aos pés do advogado. Dois olhos apenas se arregalaram um pouco além. As três se parabenizaram com abraços e afagos, como se tratasse de uma conquista feita à base de corredeiras de suores.

— Tem também uma linha telefônica. Ah, ia esquecendo, o apartamento vem com ótimo brinde. — O homem nem se deu ao luxo de baixar o tom de voz. — A empregada é de boa serventia. Mora aqui há séculos.

Em sincronia com o advogado, a senhorinha veio à sala com uma bandeja de plástico e cafés requentados em copos de geleia. Nada de açúcar. Serviu e se retirou. A seduzida se deixou mesmerizar pelas medidas.

— E os móveis? — perguntou Janice.

— Viver em Copacabana com pouca renda, sabem como é — disse, girando o corpo. E completou: — Por isso o bairro tem tantos sebos, brechós e lojas de móveis usados. Mas Copa é Copa. Lugar charmoso pacas. E o bom é que aqui ninguém se mete na vida de ninguém.

O trio:

— Ah, é.

O homem limpou a garganta.

— Bem, há uma cláusula. Vocês são herdeiras colaterais na linha sucessória, mas o testador deixou expressa a vontade de que o patrimônio fique para uma de vocês três. Apenas uma.

O trio:

— Hã?

— O senhor Clodoaldo condicionou o legado ao usufruto da última sobrinha-neta viva. Apenas para ela. Antes de conhecermos o resto do apartamento, alguma pergunta?

No quarto, a velha Almerinda desenhava um último sorriso de lagartixa.

Após cálculos dignos da IBM, envolvendo contracheques, a venda dos móveis da meia-água, a metástase de Janete e o acidente inelutável de Janice numa linha ferroviária escaldante, Janaina grudou na orelha do advogado.

— Me diga, assim, mais ou menos, o senhor acha que a empregada ainda viverá por quanto tempo?

AMOSTRA

AMOSTRA

MATADOURO DE ALMAS